

## O nômade e a sua sombra: (Des) encontros com Friedrich Nietzsche por Sils-Maria e arredores.

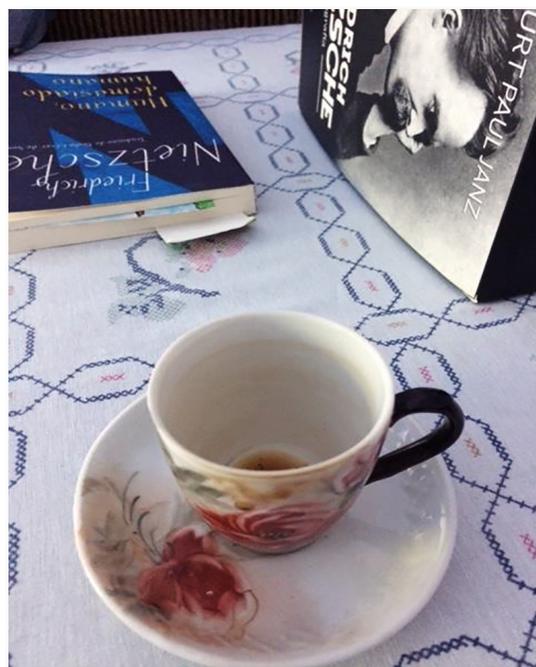
*Marcos Reigota\**



\* Investigador del CNPq-nivel 2. Profesor de Estudios de Posgrado en Educación de la [Universidade de Sorocaba](#), Brasil.

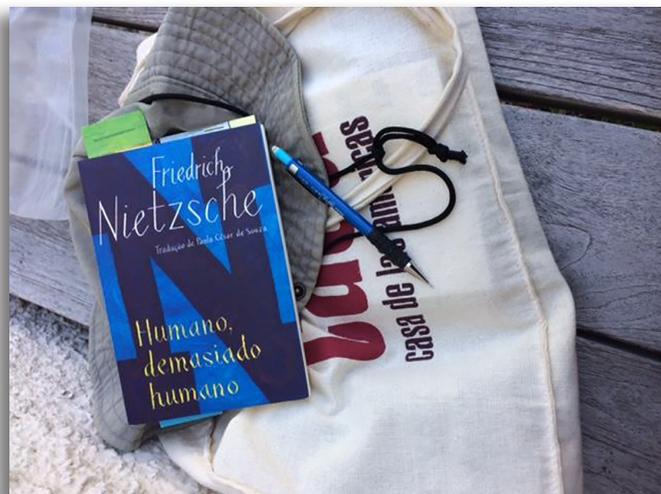


A leitura dos três volumes da biografia de Nietzsche escrita por Curt Paul Janz, muito bem traduzida por Markus A. Hediger e por Luís M. Sander, com uma esclarecedora e profunda apresentação de Oswaldo Giacoia Junior, me fez reler alguns textos do “my co-pilot”, (como alguns amigos costumam afirmar) e cair na estrada.



Eu já havia visitado diferentes ambientes marcantes na vida do filósofo, mas nunca havia estado em Sils-Maria. Uma providencial viagem à Suíça, em julho de 2019, me possibilitou passar alguns dias nessa cidade. Levei comigo os seguintes apetrechos: Uma camiseta com uma fotografia de Pedro Lemebel, com a foice e o martelo desenhados na face dele e a frase de sua autoria: “*No necessito cambiar. Soy mas subversivo que usted*”, que ganhei do Éder Proença quando ele defendeu sua tese; uma sacola da Casa de Las Américas de Havana, com a frase “*Mi casa es tu casa*”, que o sr. Navarro me fez comprar dizendo “*não se deixa a Casa de Las Américas, sem uma bolsa dessas*”; um chapéu de viajante que ganhei de um colega no Fórum Global da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, ocorrido no Rio de Janeiro em 1992 e a 12a reimpressão da edição de bolso (comprada na Avenida Tamoios em Tupã, São Paulo) do volume I do *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres*, com tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza.





Canetas, lapiseiras, cadernos sem pauta e um minúsculo aparelho fotográfico digital completavam o essencial.

Semanas antes eu havia estado em Berna, Basileia e Zurique e no percurso fui (des)encontrando vestígios e rastros de Albert Einstein, Alberto Giacometti, Carl Jung, Clarice Lispector e Dostoiévski. Antes de chegar a Sils-Maria eu concluí a leitura de *Humilhados e Ofendidos*, ilustrado com gravuras de Oswaldo Goeldi e traduzido por Fátima Bianchi. Não resisti e algumas páginas desse livro eu as li, diante do quadro “O corpo de Cristo morto na tumba” de Hans Holbein, pertencente ao acervo do Kunstmuseum Basel. Esse quadro é amplamente comentado pelo escritor russo no livro *O idiota*, que eu só fui ler depois que voltei ao Brasil, com tradução de Paulo Bezerra e desenhos de Oswaldo Goeldi.

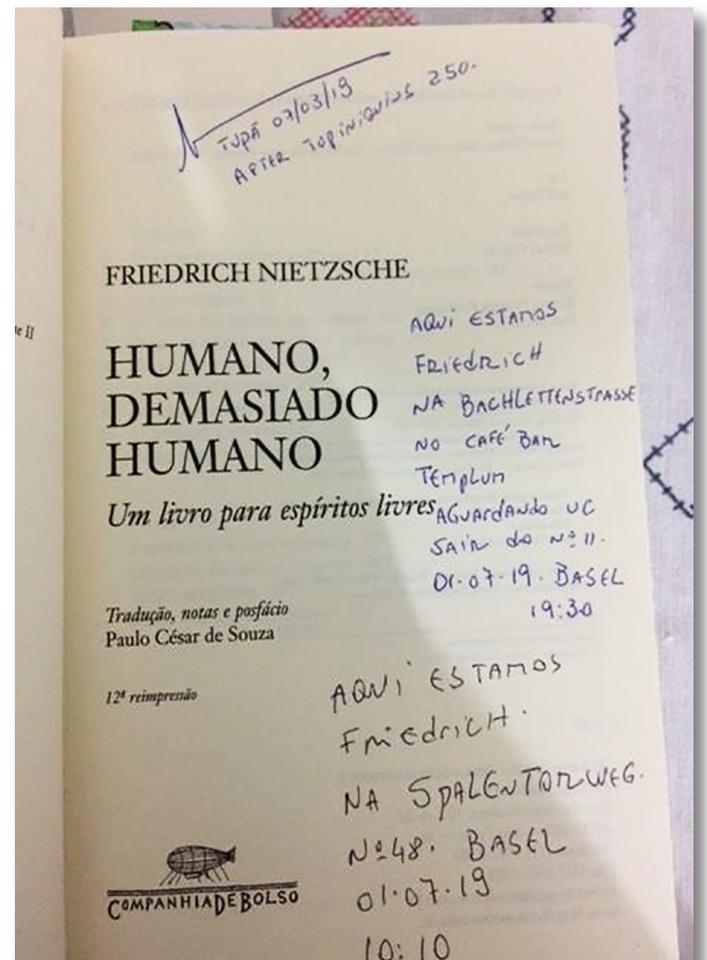






Na playlist marcavam presença J.J. Cale com *Troubadour*, Ella Fitzgerald *Live in Berlin*, Joni Mitchell & Friends (comemorando os 70 anos dela), os mais recentes álbuns da Marianne Faithfull e do Bruce Springsteen, os clássicos *1990-Projeto Salva Terra* do Erasmo Carlos, *Escândalo!* da Angela Ro Ro e uma coletânea com os grandes sucessos de Cascatinha e Inhana. Alguém ouvia *Heroes* com o David Bowie quando cheguei a Sils-Maria.

Os vestígios e rastros de Herman Hesse, Mileva Maric, Paul Klee, Paulo Freire, Thomas Mann e Walter Benjamin, completavam as pistas para a cartografia dos meus (des)caminhos por essas cidades. Como eles e elas enfrentaram os totalitarismos, as ditaduras, os preconceitos, as injustiças e a indiferença nos espaços públicos e privados? Esta era a questão que me movia.



Impregnado por esses nomes tão conhecidos, pelas lembranças e reencontros com pessoas com as quais eu havia convivido no período em que morei na Suíça na primeira metade dos anos 1990, como tatuagem, não me abandonavam as questões “brasileiras” que têm marcado o tempo presente. Como enfrentar, como cidadão, ativista e professor, as violências físicas, verbais e simbólicas, as ameaças constantes à vida digna e os ataques oficiais e oficiosos à Pedagogia Freireana, ao meio ambiente e aos Direitos Humanos?

Tenho encarado essas turbulências e desafios ampliando e aprofundando as práticas pedagógicas cotidianas ecologistas alicerçadas pela acolhida dos meus estudantes de graduação e de pós-graduação e pelos gestos carinhosos e de reconhecimento profissional vindos de pessoas de enorme sensibilidade e do mais alto nível acadêmico e integridade pessoal e política.

Demasiado humano cheguei a Sils-Maria em 21 de julho de 2019.

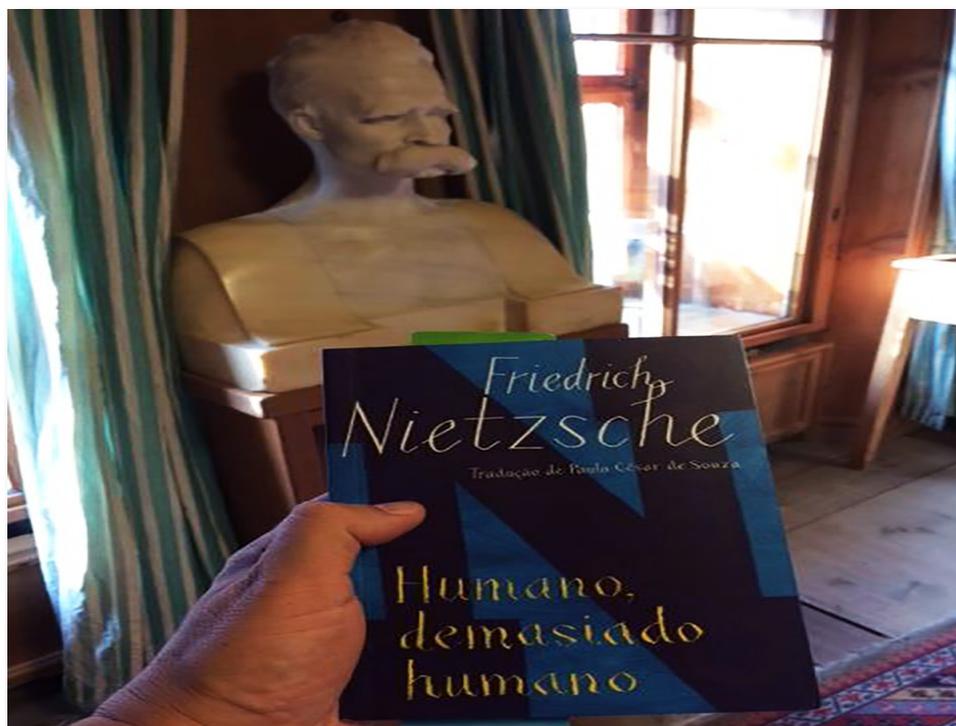


Não foi possível caminhar do ponto final do ônibus até a hospedaria situada à beira de um longo caminho sinuoso. Em compensação, me ofereceram um quarto amplo, silencioso e com uma bela vista para o lago. Eu queria ir imediatamente visitar o meu camarada e lhe dizer “Friedrich, aqui estou!”.

Atrevido e sem pudor deixei a hospedaria e segui caminhando pela estrada, mas tive que mudar de planos depois de alguns minutos, pois esta ficava cada vez mais afunilada, sem acostamento e sem segurança para pedestres. Perdi a conta dos berros raivosos e das insistentes buzinas que ouvi em tão pouco tempo...







Vencido pelos insuportáveis motoristas, motociclistas e ciclistas em férias e em alta velocidade, peguei um ônibus e alguns minutos depois adentrava a casa de Friedrich Nietzsche em Sils-Maria. Já não mais desviava dos carros, motos, bicicletas e de seus condutores, mas sim dos turistas, dos peregrinos e dos “especialistas em Nietzsche” que não paravam de falar.



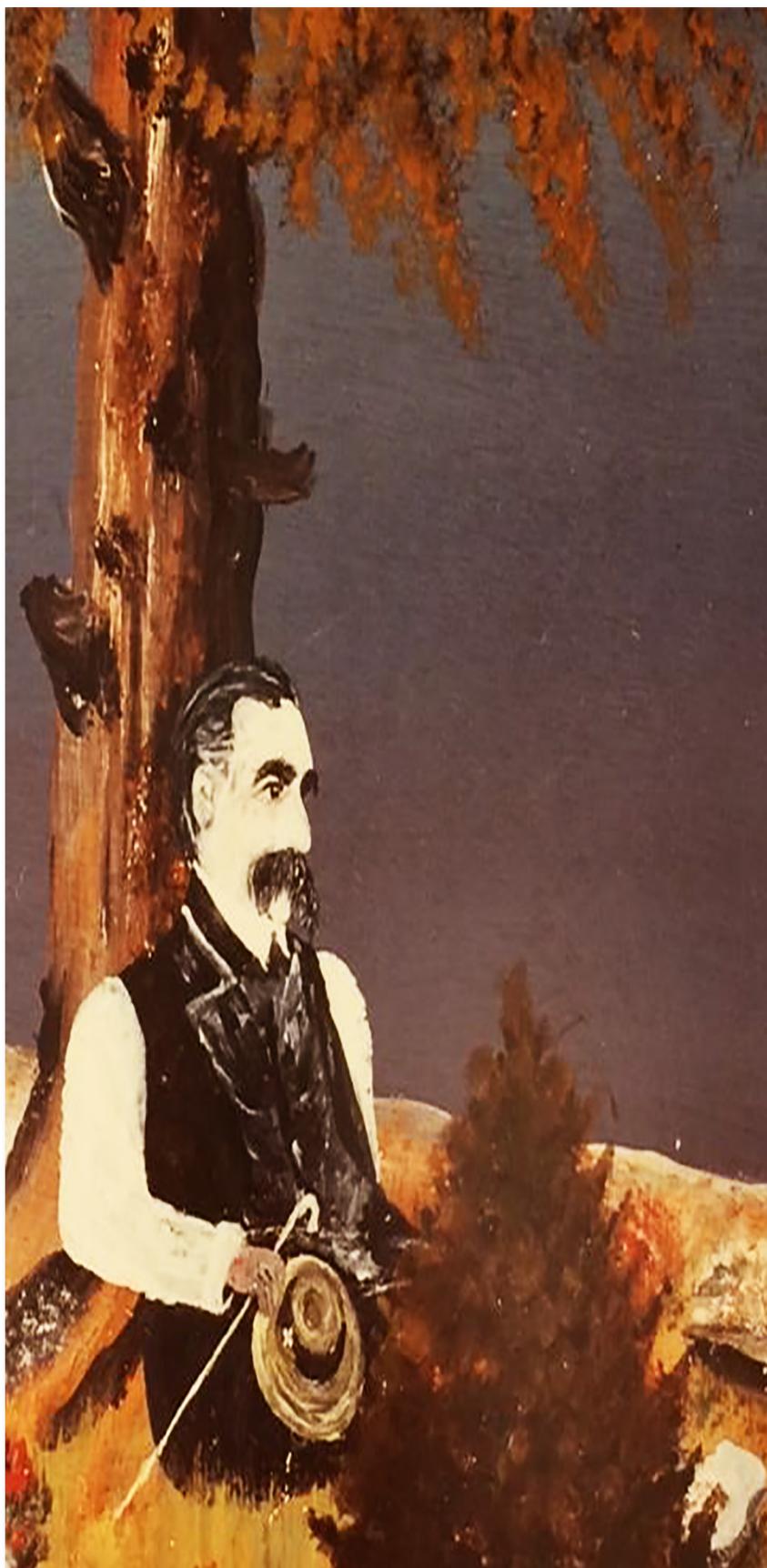
O diretor da Nietzsche Haus estava encerrando o expediente e me disse que enquanto ele concluía algumas pendências, eu poderia permanecer ali. O secretário dele me cobrou o ingresso e o enorme cão branco do sr. diretor Peter André Bloch, que tomava sol na sala de entrada, me lançou de soslaio um olhar amistoso.





Na primeira sala da pequena casa encontrei alguns livros, em diversos idiomas, e edições raras de Friedrich Nietzsche assim como ensaios, recordações para turistas e livros de especialistas e de artistas que se dedicaram ao pensamento dinamite, como Gerhard Meier, Gerhard Richter, Gianni Vattimo, Hermann Hesse e Philippe Sollers.





Pude ver fotos do camarada, aqui e acolá, distribuídas pela pequena casa e a pintura do artista local Samuele Giovanoli que retrata o descanso do “my co-pilot” à sombra de uma árvore. Eu queria muito ver esse quadro, depois de ter encontrado uma reprodução em Zurique. Tive sorte, pois quando voltei à casa do Friedrich no dia seguinte, o quadro já não se encontrava mais ali, tendo dado lugar a uma pintura de uma artista alemã contemporânea que iniciava uma exposição no local. Fotos de Carl von Gersdorff, Erwin Rohde e Peter Gast pelas paredes. O roto tapete no quarto de dormir. Recortes de velhos jornais. Os móveis comprados por Friedrich quando foi professor em Basileia. Os livros que lhe foram tão caros e tão próximos. Gerânios nas janelas.

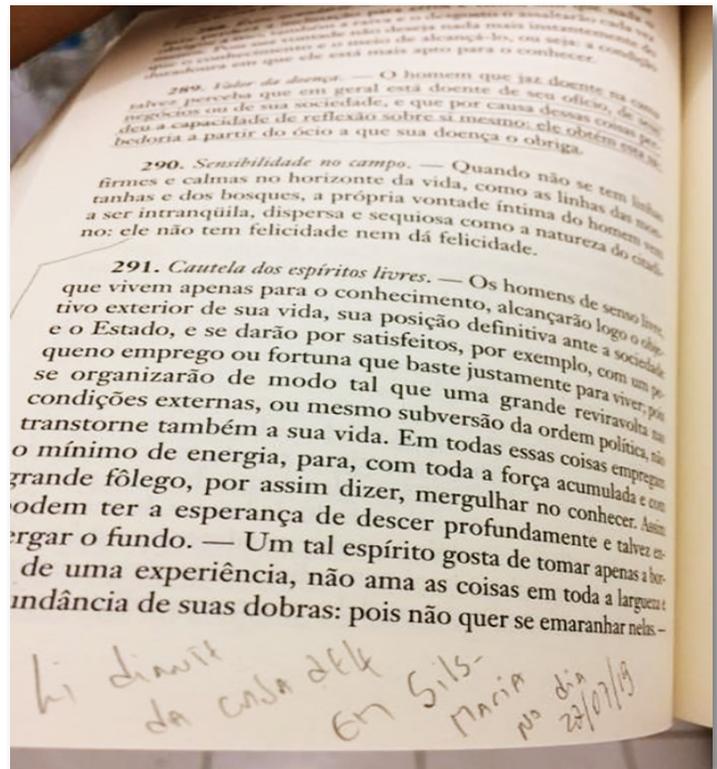


Na recepção da Nietzsche Haus comprei um postal para enviar para mim mesmo, um texto do Herman Hesse relatando a visita dele e um chaveiro com o desenho de uma águia para nele colocar a chave de nossa sala na Universidade de Sorocaba.

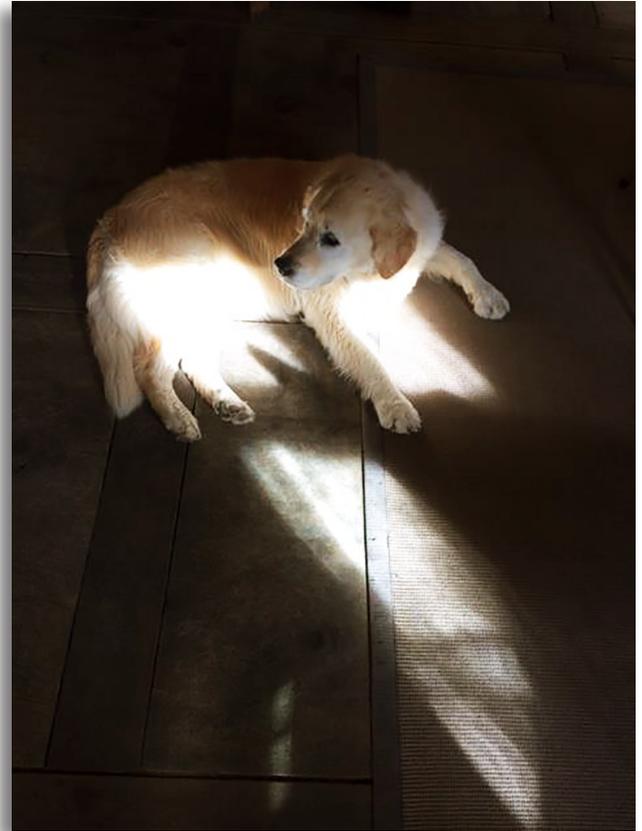


Durante os dias em que estive na cidade, ia pelo menos duas vezes verificar como estava o velho amigo e convidá-lo para uma conversa, uma cerveja, uma erva legalizada ou um passeio em silêncio. Num desses dias em que a porta estava entre-aberta, entrei, brinquei com o cão fiel, paguei o ingresso e vi fotos e manuscritos de visitantes ilustres. A surpresa foi encontrar os vestígios da visita de Pablo Neruda e ao lado de sua foto o poema *Paseando con Laforgue*, no qual ele registra “*Adolescentes éramos, tontos enamorados del áspero tenor de Sils-Maria*”.

Nas primeiras horas da manhã, enquanto alguém cuidava da limpeza da casa, eu ficava no jardim esperando meu amigo no banco de madeira, observando as esculturas da águia e da serpente e lendo, em voz alta, algumas passagens do *Humano, Demasiado Humano*, como que se em minha casa estivesse.



Só o cão branco e pacífico, que já me era tão fiel e familiar, parecia ter olhos para mais um ensandecido que rondava seu território e que falava com ele em uma língua tão estranha...



O verão foi intenso assim como eram intensas as evidências do efeito do aquecimento global. Os especialistas em Nietzsche que por lá estavam para mais um colóquio de eruditos, os peregrinos e os turistas, pareciam não se importar com o aquecimento global e desfrutavam o máximo possível do sol e da temperatura alta.





O que eu não esperava era encontrar, na pequena biblioteca de Sils-Maria, um exemplar de *Inferno Provisório* do Luiz Ruffato.

Artistas contemporâneos expunham seus trabalhos em sofisticadas galerias e acolhiam nos seus aposentos os interessados no que eles e elas tinham para mostrar. As esculturas em madeira de Daniel Egli me fizeram pensar na Alice e na Laura, duas garotinhas que moram no Paraná e sentir saudade delas.

Uns e outros banhavam-se nas fontes, nos lagos e nas piscinas e aglutinavam-se nos terraços dos bares, dos restaurantes e dos hotéis de luxo. Eu me refugiava na pequena biblioteca da cidade. Nela encontrei, edições raras de *Also sprach Zarathustra*, assim como vários livros de Herman Hesse entre eles, *Narzib und Goldmund* e *Demian*.





Mas foram as caminhadas, observando as profundezas, os precipícios, os picos, as trilhas, as cores, as flores, os pássaros, o cais, os rochedos, os pedregulhos, as marcas do tempo na madeira, os vazios, os cães fieis, o silêncio, os solitários à espreita, as amizades e a minha própria sombra, que marcaram meu (des) encontro com Friedrich Nietzsche em Sils-Maria e arredores.

No registro fotográfico que fiz em Sils-Maria e que aqui apresento alguns fragmentos, procurei evidenciar o cotidiano do (des)encontro de entidades efêmeras e as suas possibilidades, para fortalecer o movimento contrário à devastação da vida de “espíritos livres”, para não deixar o inadmissível sem resposta e para não se deixar abater pela maquinaria da produção de ausência de sentidos.



